

98 Lanternas não têm voto e nem grana

Sem dinheiro, estímulo ou aliados de peso político, as últimas semanas de campanha presidencial reservam um final melancólico para os candidatos Esperidião Amin (PPR), Orestes Quércia (PMDB) e Leonel Brizola (PDT). Há quase dois meses estabilizados entre 3% e 5% nas pesquisas eleitorais e sem condições de alcançar os dois candidatos que lideram a disputa, os três começam a desmontar, discretamente, os seus esquemas de campanha.

Amin e Quércia foram atingidos no meio do processo eleitoral por crises partidárias internas que os deixaram órfãos. O candidato do PPR perdeu o apoio da principal liderança do partido: Paulo Maluf. O prefeito de São Paulo chegou a participar de alguns comícios ao lado de Amin, mas na segunda metade da campanha deixou seu candidato ao deus dar. Quércia entrou na disputa sabendo que enfrentaria oposição dentro do partido, mas não esperava que a resistência fosse tão grande. Na reta final da campanha, o PMDB ignora a existência de seu candidato oficial e seus líderes começam a se declarar publicamente favoráveis à candidatura tucana de Fernando Henrique Cardoso.

Sem ressonância — Por outro lado, o pedetista Leonel Brizola se ressentia agora do fato de ter se isolado dentro do seu partido. Sua bandeira não encontra ressonância em nenhum possível aliado.

O resultado da falta de apoio político está refletido nas pesquisas eleitorais realizadas semanalmente pelos institutos de pesquisas. Mas o pior, no caso de Amin e Brizola, é a falta de dinheiro que acompanha o alheamento político. “Ninguém quer ser fiador para pobre”, lembra um assessor do partido de Esperidião Amin. O candidato, assim como Brizola, enfrenta sérios problemas financeiros que estão inviabilizando a realização de comícios ou viagens a cidades do interior para tentar melhorar sua colocação nas pesquisas.

Falta palanque — O problema de Quércia não é dinheiro, a maior dificuldade é encontrar palanques para subir. Na semana passada sua assessoria suava para preparar a programação de viagens e comícios para as duas últimas semanas de campanha. A dificuldade não era dinheiro para passagens e despesas, mas encontrar aliados com disposição para aceitar um candidato derrotado em seu palanque. “Estamos aguardando convites de lideranças regionais”, admitiam assessores de Quércia.

O senador Mansueto de Lavor,

eleitor declarado de Orestes Quércia, não poupa críticas ao seu candidato que, segundo ele, é o principal responsável pelo rumo que a campanha tomou. Para ele, Quércia deveria ter reconhecido a um mês que tinha problemas, mas preferiu se recusar a mudar e centralizou ainda mais as decisões sobre sua candidatura. O resultado, segundo o senador, é que a campanha ficou mais paulista do que nacional, perdeu apoio regional e agora não existe mais tempo para mudar o quadro. “É uma única locomotiva para carregar essa campanha em todos os estados”, concluiu.

Pior situação — A situação de Amin e Brizola ainda é pior do que a de Quércia. Os dois candidatos não têm mais nada para mostrar e mais ninguém a quem se aliar para mudar o péssimo desempenho que estão tendo nas pesquisas. O resultado: faltam financiadores para as campanhas. Amin tenta resolver o problema da falta de dinheiro redirecionando sua estratégia de campanha. Segundo um assessor, ele vai centralizar comícios e “corpo a corpo” no eixo Rio/São Paulo/Região Sul para garantir um espaço nos noticiários de rádio, TV e jornais.

Leonel Brizola não tem se arriscado mais a enfrentar terrenos desconhecidos. Procura reforçar sua campanha em território conhecido, principalmente na Região Sul, onde tem seu melhor desempenho nas pesquisas. Até o final da tarde de sexta-feira, ele estava reunido com seus assessores tentando definir um roteiro de encontros e viagens até o dia 30, quando encerra o período de campanha.

A falta de contribuição para campanha também tem preocupado o PDT. O partido, garante seus assessores, não recebe doação de empresários como os principais candidatos e, por isso, se vê obrigado a se manter com a contribuição dos militantes. “Mas não está entrando dinheiro”, admitem. O recurso são os funcionários da casa que estão sendo obrigados a aceitar o desconto de um percentual razoável de seus salários para financiar a campanha do caudilho.

Nenhum dos três haviam definido até esta semana qual seria o ponto alto de qualquer campanha que está terminando: o último comício. Nem mesmo os três primeiros dias de outubro — quando será proibido, de acordo com a legislação eleitoral, a realização de qualquer campanha, seja ela comício ou corpo a corpo — que antecedem a eleição tinham um roteiro pronto. O consenso nos três comitês eleitorais é de que não há mais tempo. (Lúcia Motta)